

E. B. WHITE

O CISNE
e o
SEU TROMPETE



TRADUÇÃO DE

Carla Maia de Almeida

DO AUTOR
PREMIADO DE
A TEIA DE CARLOTA
E A HISTÓRIA DE
STUART LITTLE

booksmile

Índice

I	<i>Sam</i>	5
II	<i>A lagoa</i>	11
III	<i>O visitante</i>	18
IV	<i>Os cisnes-bebés</i>	28
V	<i>Louis</i>	40
VI	<i>De volta a Montana</i>	49
VII	<i>Dias de escola</i>	58
VIII	<i>Amor</i>	72
IX	<i>Trompete</i>	84
X	<i>Complicações financeiras</i>	91
XI	<i>Campo Kookooskoos</i>	102
XII	<i>O salvamento</i>	108
XIII	<i>Final do verão</i>	121
XIV	<i>Boston</i>	127
XV	<i>Uma noite no Ritz</i>	135
XVI	<i>Filadélfia</i>	149
XVII	<i>Serena</i>	160
XVIII	<i>Liberdade</i>	177
XIX	<i>Uma conversa sobre dinheiro</i>	188
XX	<i>Billings</i>	199
XXI	<i>Primavera verde</i>	215

I Sam



De regresso ao acampamento, atravessando o pântano, Sam perguntava-se se devia contar ao pai o que tinha visto.

Uma coisa é certa, pensou. Amanhã vou voltar àquela lagoa — e quero ir sozinho. Se contar ao pai o que vi hoje, ele também vai querer ir e não me parece que isso seja boa ideia.

Sam Beaver tinha 11 anos. Para a idade, era um miúdo bem-constituído, de cabelo negro e olhos escuros como os de um índio. Também era capaz de andar à maneira dos

índios, pondo um pé à frente do outro e fazendo o menos barulho possível. O pântano que agora atravessava era um lugar agreste. Não havia qualquer trilho e o chão era alagadiço, o que dificultava a caminhada. De cinco em cinco minutos, Sam tirava a bússola do bolso e confirmava o percurso, para ter a certeza de que ia em direção a oeste. O Canadá é uma terra enorme, com vastas regiões de natureza selvagem. Perder-se nesses pântanos e florestas seria um problema.

Ao mesmo tempo que avançava, com esforço, a cabeça do rapaz ia deslumbrada com as maravilhas que observara. Poucas pessoas no mundo teriam visto o ninho de um cisne-trombeteiro. Mas Sam encontrara um, naquele dia de primavera, numa lagoa solitária. Tinha observado duas grandes aves, com os seus longos pescoços brancos e os bicos negros. Em toda a sua vida, nada do que vira até àquele momento o tinha feito sentir-se daquela maneira, numa lagoa inóspita, frente aos enormes cisnes. Eram maiores do que qualquer ave que alguma vez havia visto. O ninho, uma mistura de paus e de ervas, também era enorme. A fêmea estava sentada sobre os ovos; o macho rodeava-a, movendo-se para lá e para cá, tomando conta dela.

Quando Sam alcançou o acampamento, cansado e com fome, encontrou o pai a fritar peixe para o almoço.

— Por onde é que tu andaste? — perguntou o Sr. Beaver.

— Andei em explorações — respondeu Sam. — Fui até à lagoa que avistámos do avião quando vínhamos para cá. Fica a cerca de 24 quilómetros daqui. Não é nada de especial. Nada que se compare com o tamanho deste lago onde estamos.



— Viste alguma coisa por lá? — perguntou o pai.

— Bem — respondeu Sam —, é uma lagoa pantanosa, com muitos juncos e amentos. Não acho que seja boa para pescar. E é difícil chegar lá. É preciso atravessar um pântano.

— Viste alguma coisa? — repetiu o Sr. Beaver.

— Vi um rato-almiscarado. E alguns melros-de-asa-vermelha.

O Sr. Beaver tirou os olhos do fogão onde fritava o peixe e disse:

— Sam, eu sei que gostas de andar por aí a explorar, mas não te esqueças de uma coisa: estes bosques e brejos não são como as terras à volta da nossa casa, em Montana. Se voltares a essa lagoa, tem cuidado para não te perderes. Não gosto que atraveses pântanos. São traiçoeiros. Podes pisar um

terreno lamacento e ficar atolado, e depois não haverá ninguém para te tirar de lá.

— Vou ter cuidado — prometeu Sam.

Sabia perfeitamente que iria voltar à lagoa onde estavam os cisnes, e não tencionava perder-se nos bosques. Sentia-se aliviado por não ter contado nada ao pai, embora ao mesmo tempo aquilo fosse estranho. Sam não era um miúdo dissimulado, mas tinha uma particularidade: gostava de guardar certas coisas só para si. E gostava de estar sozinho, especialmente quando andava pelos bosques. Adorava a vida no rancho do pai, em Sweet Grass, Montana. Adorava a mãe. Adorava o seu pônei malhado, *Duke*. Adorava tomar conta do gado. Adorava observar os visitantes que passavam por lá todos os verões.

Mas aquilo de que ele gostava mais, entre todas as coisas da sua vida, eram aquelas viagens ao Canadá para acampar com o pai. A Sra. Beaver não apreciava os bosques, por isso raramente os acompanhava. Sam e o Sr. Beaver iam de carro até à fronteira e passavam para o Canadá. Ao chegarem, o Sr. Beaver contratava um piloto florestal para os transportar até ao acampamento, para uns dias de pescaria, preguiça e exploração. O Sr. Beaver encarregava-se sobretudo da parte da pescaria e da preguiça, enquanto Sam tratava da exploração. Depois, o piloto vinha buscá-los. Chamava-se Shorty. Quando ouviam o som do motor, corriam e acenavam-lhe. Viam-no planar sobre o lago e encostar o avião ao cais. Eram os dias mais agradáveis da vida de Sam, aqueles dias nos bosques, longe, longe de tudo — sem automóveis, sem estradas,

sem escola, sem trabalhos de casa, sem um único problema, exceto o de ficar perdido. E ainda, claro, o problema de saber o que haveria de ser quando crescesse. Todos os rapazes têm esse problema.

Depois do jantar, Sam e o pai sentaram-se à entrada da tenda por um bocado. Sam andava a ler um livro sobre aves.

— Pai, achas que vamos voltar ao acampamento daqui a um mês? — perguntou Sam. — Quero dizer, daqui a 35 dias ou algo do género?

— Acho que sim — respondeu o Sr. Beaver. — Espero que sim. Mas porquê 35 dias? O que vai acontecer de especial daqui a 35 dias?

— Ah, nada — replicou Sam. — Só acho que daqui a 35 dias vai ser muito bom estar aqui.

— Essa é a coisa mais disparatada que já ouvi — disse o Sr. Beaver. — É sempre bom estar aqui.

Sam foi para dentro. Percebia muito de aves e sabia que um cisne fêmea precisava de cerca de 35 dias para chocar os ovos. Esperava poder estar na lagoa para ver os filhotes a saírem da casca.

Sam mantinha um diário sobre o que acontecia na sua vida. Era apenas um simples bloco de notas que tinha sempre junto à cama. Todas as noites, antes de se enroscar, escrevia sobre as coisas que vira, as coisas que fizera e as coisas em que pensava. Às vezes, fazia um desenho. Terminava sempre com uma pergunta, de maneira a ter qualquer coisa em que pensar antes de adormecer. No dia em que encontrou o ninho dos cisnes, Sam escreveu:

Hoje vi um casal de cisnes-trombeteiros numa lagoa, a leste do acampamento. A fêmea tem um ninho com ovos. Vi três, mas vou desenhar quatro, porque acho que ela estava a chocar outro. Esta é a maior descoberta que fiz em toda a minha vida. Não contei nada ao pai. Amanhã vou visitá-los outra vez. Hoje ouvi uma raposa a uivar. Porque é que uma raposa uiva? Será porque está enlouquecida, preocupada, faminta... ou porque está a comunicar com outra raposa? Porque é que uma raposa uiva?

Sam fechou o bloco de notas, tirou a roupa, trepou para o beliche e deixou-se estar de olhos fechados, indagando a razão por que uma raposa uiva. Dali a poucos minutos adormeceu.

II A lagoa



Eram raras as pessoas a visitar a lagoa que Sam tinha descoberto naquela manhã de primavera. Durante todo o inverno, a neve cobrira o gelo, e a lagoa permanecia fria e quieta debaixo do seu cobertor branco. A maior parte do tempo, não se ouvia o mínimo ruído. O sapo dormia. O esquilo dormia. De vez em quando, um gaio grasnava. Às vezes, à noite, uma raposa uivava — um uivo áspero e agudo. O inverno parecia durar para sempre.

Mas, um dia, ocorreu uma mudança nos bosques e na lagoa. Um vento morno, suave e gentil soprou através das árvores. O gelo que tinha amolecido durante a noite começou a derreter-se. Todos os bichos que ali viviam estavam felizes

por acolherem o calor. Ouviam e sentiam o respirar da primavera, e estremeciam de esperança e uma vida nova. Havia um cheiro bom e fresco no ar, o cheiro da terra a despertar após um longo sono. O sapo, enterrado na lama no fundo do lago, sabia que a primavera tinha chegado. O chapim sabia-o e estava encantado (quase tudo encanta um chapim). A raposa, dormitando no seu covil, sabia que em breve teria raposinhos. Todos os animais estavam seguros de que tempos melhores e mais brandos se aproximavam, com os seus dias quentes e as suas noites amenas. Nas árvores, despontavam brotos verdes que aumentavam de tamanho. Os pássaros começavam a chegar do Sul. Um casal de patos esvoaçava. Um melro-de-asa-vermelha apareceu e começou a vasculhar a lagoa, à procura de um sítio para fazer o ninho. Um pardalito de pescoço branco chegou e cantou: «Oh, doce Canadá, Canadá, Canadá!»

E se, naquele primeiro dia cálido de primavera, estivesses sentado na lagoa, perto do fim da tarde, terias escutado de repente um frémito a ecoar nos céus — um ruído semelhante ao som das trombetas: «Tu-tuuuu, tu-tuuuu!»

E se tivesses levantado o olhar, terias visto, mesmo por cima da tua cabeça, duas enormes aves brancas. Voavam a grande velocidade, com as patas de trás e os longos pescoços bem esticados, as asas poderosas a bater a uma cadência firme e segura. «Tu-tuuuu, tu-tuuuu, tu-tuuuu!» O cantar dos cisnes a soar como trombetas, a eletrizar os céus.

Quando avistaram a lagoa, as aves começaram a sobrevoá-la em círculos, observando o local a partir de cima. Depois,

planaram e pousaram sobre a água, com as asas compridas muito juntas ao corpo e as cabeças a girar para um lado e para o outro, investigando aquelas novas paragens. Eram cisnes-trombeteiros, aves de um branco puro e bicos negros. O aspeto da lagoa pantanosa agradara-lhes e tinham-na elegido como lar durante algum tempo, a fim de ali constituírem família.

Os dois cisnes estavam cansados do voo demorado e contentes por deixarem os céus. Nadaram devagar e depois começaram a procurar comida, mergulhando os pescoços nas águas pouco profundas e arrancando plantas e raízes. Tudo neles era branco, exceto as patas e os bicos, que eram negros. Levavam as cabeças bem erguidas. Com a sua chegada, a lagoa parecia um lugar diferente.

Nos dias seguintes, os cisnes descansaram. Quando tinham fome, comiam. Quando tinham sede — o que acontecia frequentemente —, bebiam. Ao décimo dia, a fêmea começou à procura de um lugar para fazer o ninho.

Quando chega a primavera, construir o ninho é a principal preocupação de uma ave: é mesmo a coisa mais importante que existe. Se a fêmea escolher um bom lugar, tem fortes hipóteses de chocar os ovos e educar as crias. Se escolher um lugar com poucos recursos, pode não conseguir criar uma família. A Mãe Cisne percebia isso; sabia que estava a tomar uma decisão extremamente importante.

Primeiro, os dois cisnes examinaram o limite superior da lagoa, onde um riacho desaguava. Era um lugar agradável, cheio de juncos e bunhos. Havia melros-de-asa-vermelha ocupados a fazer o ninho, e um casal de patos-reais a cortejarem-se. Em seguida, nadaram até à parte mais baixa da lagoa, uma zona pantanosa com árvores de um lado e, do outro, uma pastagem procurada por veados. Reinava a solidão. De uma das margens, saía um braço de terra que entrava pelo lago adentro, como uma pequena península. E no seu extremo, alguns centímetros acima da superfície da água, encontrava-se uma ilhota pouco maior do que uma mesa de jantar. Além de uma pequena árvore que tinha crescido por ali, havia pedras, fetos e arbustos.

— Vem cá ver isto! — disse a Mãe Cisne, enquanto nadava à volta do sítio.

— Tu-tuu! — respondeu o companheiro, que gostava que lhe pedissem a opinião.



O Pai Cisne subiu cautelosamente para a ilha. Parecia um lugar feito à medida — o lugar certo para se construir um ninho. Enquanto ele andava por ali a espreitar, ela bisbilhotou até encontrar um sítio agradável no solo. Achou-o com o tamanho certo para encaixar o corpo. Estava bem localizado, uns quantos centímetros acima do nível da água. Muito adequado, mesmo. Voltou-se para o companheiro:

— O que te parece?

— A localização ideal! Um sítio perfeito! E vou dizer-te porquê: se aparecer um inimigo com instintos assassinos, seja uma raposa, um guaxinim, um coiote ou uma doninha, vai ter de entrar na água. E, antes de poder fazer isso, vai ter de percorrer todo aquele pedaço de terra. Mas, por essa altura, nós já o teremos visto ou ouvido, e vamos dar-lhe uma carga de trabalhos.

O Pai Cisne estendeu as grandes asas — dois metros e meio de comprimento, de um extremo ao outro — e bateu na água para mostrar a sua força, o que o fez sentir-se imediatamente melhor. Quando um cisne-trombeteiro acerta com a asa no seu inimigo, é como se este recebesse a tacada de um bastão de basebol. A Mãe Cisne fingiu não perceber que ele estava a exhibir-se, mas reparou no gesto e sentiu-se orgulhosa da sua força e coragem. Em matéria de «companheiros», aquele era dos bons.

O Pai Cisne observou a sua bonita companheira, sentada na ilhota. Para seu grande contentamento, viu-a começar a remexer-se lentamente e a andar às voltas sem sair do mesmo sítio, alisando a erva e a terra húmida.

Estava a fazer os primeiros movimentos da nidificação. Primeiro acocorou-se no lugar que tinha escolhido. Depois revolveu-se para um lado e para o outro, batendo na terra com os grandes pés palmados, abrindo espaço, como se estivesse a moldar um recipiente. A seguir, esticou-se e puxou para junto de si galhos e ervas, pondo-os à sua volta e também debaixo do rabo, de modo a ajeitar o ninho ao corpo.

O Pai Cisne fluuava por ali, estudando todos os movimentos que ela fazia.

— Agora outro ramo de tamanho médio, meu amor — dizia ele.

Ela esticava o esplêndido pescoço branco e comprido o mais que podia e pegava num ramo com graciosidade, colocando-o ao seu lado.

— Agora outro bocado de erva grossa — disse o Pai Cisne, com toda a dignidade.

A Mãe Cisne ia buscar ervas, musgo, gravetos — tudo o que estivesse à mão. Pouco a pouco, com muito cuidado, edificou o ninho até estar sentada numa grande amálgama de ervas. Trabalhou naquela tarefa durante umas horas e, dando-a por concluída, deslizou novamente para a lagoa, a fim de beber e alimentar-se.

— Excelente começo! — disse o Pai Cisne, voltando-se para observar o ninho. — Um início perfeito! Não sei como é que consegues fazer isto com tanta inteligência.

— É uma coisa natural — respondeu ela. — Dá muito trabalho, mas, no conjunto, é agradável.

— Sim. E, quando chegas ao fim, tens uma coisa que explica a razão de tanto esforço: um ninho de cisne com quase dois metros de largura. Que outra ave pode gabar-se do mesmo?

— Bem... talvez uma águia.

— Sim, mas nesse caso não seria um ninho de cisne. Seria um ninho de águia, empoleirado numa qualquer árvore morta, sabe-se lá onde, mas não aqui ao pé da águia... com todas as conveniências que isso tem.

Ambos se riram da ideia. Então começaram a cantar, a chapinhar e a atirar água um ao outro, como se de repente tivessem ficado loucos de alegria.

— Tu-tuu! Tu-tuu! Tu-tuu! — cantavam, na sua voz de trompete.

Num raio de 25 quilómetros, todos os animais selvagens ouviram os cisnes a cantarem. A raposa ouviu, o guaxinim ouviu, a doninha ouviu. E um par de orelhas que não pertenciam a um animal selvagem também ouviu. Mas esse era um facto que os cisnes ignoravam.

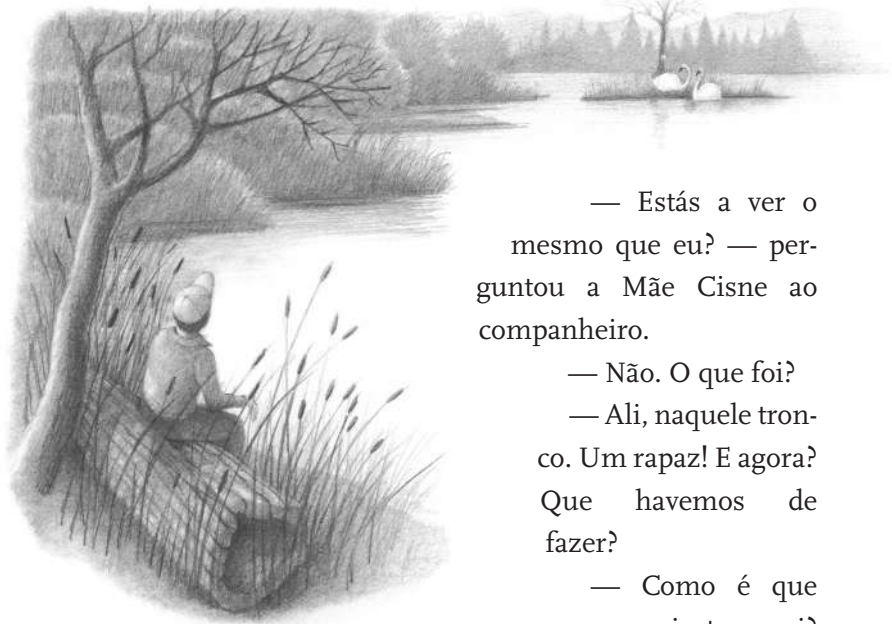
III O visitante



Já tinha passado quase uma semana quando a Mãe Cisne deslizou silenciosamente para dentro do ninho e pôs um ovo. Tentava pôr um ovo por dia. Umas vezes conseguia-o, outras não. Havia agora três ovos — e mais um quarto a caminho.

Ali sentada, com o Pai Cisne por perto, a Mãe Cisne teve a estranha sensação de ser observada, o que a deixou desconfortável. As aves não gostam de ser observadas, sobretudo quando se encontram no ninho, e daí que ela se virasse para um lado e para o outro, espreitando em todas as direções. Fixou atentamente a faixa de terra que entrava na lagoa, perto do ninho. Com o olhar apurado, procurou sinais de um intruso na margem mais próxima. O que conseguiu vislumbrar, por fim, provocou-lhe a maior surpresa da sua

vida. Sentado num tronco, na faixa de terra, estava um rapazinho, muito calado. Não trazia armas.



— Estás a ver o mesmo que eu? — perguntou a Mãe Cisne ao companheiro.

— Não. O que foi?

— Ali, naquele tronco. Um rapaz! E agora? Que havemos de fazer?

— Como é que um rapaz veio ter aqui?

— interrogou-se o Pai Cisne.

— Estamos nas profundezas do Canadá. Não existem pessoas num raio de quilómetros e quilómetros.

— Foi exatamente o que eu pensei. Mas, se aquilo não é um rapaz, o meu nome não é *Cygnus Buccinator*.

O Pai Cisne estava furioso.

— Eu não voei desde o norte do Canadá para agora ser obrigado a lidar com um rapaz — reclamou. — Viemos para este lugar idílico, para este refúgio escondido, de modo a usufruirmos da nossa merecida privacidade.

— Bem — disse a Mãe Cisne —, também estou aborrecida, mas tenho de admitir que ele se está a portar muito bem. Vê-nos, mas não atira pedras nem paus. Não está a fazer tro-pelias. Está apenas a observar-nos.



— Eu *não quero* ser observado. Não percorri esta distância brutal até ao Canadá mais profundo para ser observado. Além disso, não quero que *tu* sejas observada, a não ser por mim. Estás a pôr um ovo (isto é, espero que estejas) e tens o direito de estar sossegada. A minha experiência diz-me que todos os rapazes atiram pedras e paus. Está-lhes no sangue. Vou até lá e dou uma surra àquele miúdo, só com a força da minha asa. Ele vai pensar que levou com um taco de basebol. Vou dar cabo dele!

— Espera aí! — interrompeu a Mãe Cisne. — Não vale a pena começar uma briga. Neste momento, o miúdo não está a incomodar-me, e a ti também não.

— Mas como é que ele chegou aqui? — perguntou o Pai Cisne, já não a sussurrar, mas quase aos gritos. — Como

é que ele chegou aqui? Os rapazes não voam, e não há estradas nesta parte do Canadá. A autoestrada mais próxima fica a 80 quilómetros.

— Talvez esteja perdido. Talvez esteja a morrer de fome. Talvez queira roubar o ninho e comer os ovos... Mas duvido, porque não parece esfomeado. De qualquer maneira, eu comecei este ninho e tenho três belos ovos. Até agora, o rapaz está a portar-se bem... e tenciono continuar e chegar ao quarto ovo.

— Boa sorte, meu amor! — disse o Pai Cisne. — Ficarei ao teu lado, para te defender do que for preciso. Põe esse ovo!

Durante a hora que se seguiu, o Pai Cisne nadou vagarosamente à volta da ilha, mantendo-se vigilante. A companhia continuou sossegada no ninho. Sam estava sentado no tronco, sem mexer um músculo. A imagem dos cisnes enfeitava-o. Eram as maiores aves aquáticas que alguma vez vira. Tinha escutado o seu cantar de trompete e vasculhado bosques e pântanos até encontrar a lagoa e localizar o ninho. Possuía conhecimentos suficientes sobre aves para saber que aqueles eram cisnes-trombeteiros. Estar na natureza selvagem, junto dos animais, deixava-o feliz. Sentado no tronco, observando-os, experimentava uma sensação de paz idêntica à que algumas pessoas têm quando vão à igreja.

Ao fim de uma hora, Sam levantou-se e afastou-se devagar, sem fazer barulho, pondo um pé logo a seguir ao outro, à maneira dos índios. Os cisnes viram-no ir-se embora. Quando a Mãe Cisne se levantou do ninho, virou-se e olhou para trás. Ali, pousado no meio das penas suaves, encontrava-se

o quarto ovo. O Pai Cisne bamboleou-se até à ilhota e também espreitou.

— Uma obra-prima — exclamou. — Um ovo de proporções perfeitas e beleza supina. Eu diria que tem mais de 12 centímetros.

A companheira ficou contente.

Quando acabou de pôr o quinto ovo, deu-se por satisfeita.

Contemplou-os com orgulho. Depois instalou-se no ninho, a fim de manter os ovos quentes. Com muito cuidado, empurrou e aconchegou os ovos com o bico até que estes estivessem na posição certa para receber o calor do seu corpo. O Pai Cisne nadava ali por perto, fazendo-lhe companhia e protegendo-a de eventuais ameaças. Sabia que havia uma raposa a rondar os bosques, porque tinha escutado os uivos dela nas noites em que a caçada lhe tinha corrido bem.

Os dias sucediam-se e a Mãe Cisne continuava calmamente sentada em cima dos ovos. As noites passavam e ela dava-lhes o seu calor. Ninguém a perturbava. O rapaz tinha-se ido embora e talvez nunca mais voltasse. Dentro de cada ovo estava a acontecer algo que ela não podia ver: um pequeno cisne ganhava forma. À medida que as semanas avançavam, os dias ficavam maiores e as noites mais pequenas. Veio um dia de chuva, mas a Mãe Cisne manteve-se firme no seu posto.

— Minha querida — disse o Pai Cisne, certa tarde —, por vezes não achas que as tuas responsabilidades são pesadas ou incómodas? Por vezes não te cansas de estar sentada no mesmo sítio e na mesma posição, a chocar os ovos, sem direito a diversões, prazeres, escapadelas, brincadeiras? Por vezes não sofres de aborrecimento?

— Não — respondeu ela. — Na verdade, não.

— Não te é desconfortável estares sentada em cima dos ovos?

— Sim, é. Mas sou capaz de aguentar algum desconforto, quando se trata de trazer cisnes ao mundo.

— Sabes quantos dias ainda te faltam?

— Não faço ideia. Mas reparei que já nasceram os patinhos no lado oposto da lagoa, bem como os pequenos melros-de-asa-vermelha. E no outro dia vi a doninha-fedorenta a caçar ao longo da margem, e com ela iam mais quatro doninhas. Por isso, creio que devo estar prestes a concluir o meu tempo. Com um pouco de sorte, em breve poderemos ver os nossos filhotes, os nossos lindos cisnes-bebés.

— Nunca experimentaste as pontadas agudas da fome ou sofreste as torturas da sede? — perguntou o Pai Cisne.

— Já. Por acaso, neste momento, sou capaz de beber qualquer coisa.

A tarde estava amena e o sol brilhava. A Mãe Cisne achou que podia afastar-se uns minutos sem qualquer receio. Levantou-se e empurrou algumas penas soltas para junto dos ovos, a fim de escondê-los e mantê-los quentes durante a sua ausência. Saiu do ninho e entrou na água, bebendo umas

golfadas rápidas. Em seguida, deslizou para um lugar mais baixo e mergulhou a cabeça e o pescoço, arrancando algumas plantas tenras do fundo. Depois tomou um banho, lançando água sobre si mesma. Para terminar, nadou até um banco de terra cheio de vegetação e ficou ali, a alisar as penas.

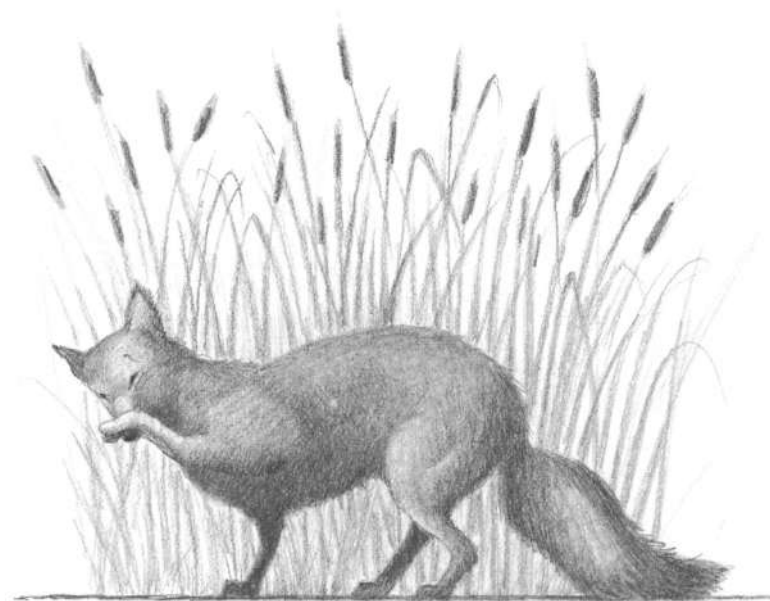
Sentia-se bem. Não fazia ideia de que o inimigo estava próximo. Não reparou na raposa vermelha que a observava desde o seu esconderijo, atrás de um tufo de arbustos. O barulho da água atraía-a. Tinha esperança de apanhar um ganso, mas agora que farejava o ar, sentia outra presa. Rastejou devagar até à Mãe Cisne, que estava de costas. Era demasiado grande para que a raposa a conseguisse transportar, mas decidira matá-la ali mesmo e ter o gosto de lhe provar o sangue.

O Pai Cisne, ainda dentro de água, foi o primeiro a avisar a raposa.

— Atenção! — gritou ele. — Atenção à raposa que rasteja na tua direção, no exato momento em que profiro estas palavras! Nota os olhos faiscantes e a cauda farfalhada e espetada! Repara naquela mente sedenta de sangue, repara no estômago que quase toca o chão! Paira sobre ti um grave perigo, e temos de agir imediatamente!

Enquanto o Pai Cisne fazia este elegante discurso de aviso, aconteceu uma coisa surpreendente. No preciso momento em que se preparava para saltar e enfiar os dentes no pescoço da Mãe Cisne, a raposa foi atingida em cheio por um pau que cortou o ar, fazendo-a dar meia volta e fugir a correr. Os cisnes não podiam imaginar o que tinha sucedido, até que viram um movimento nos arbustos. E de lá, sorrindo,

surgiu Sam Beaver, o rapaz que os tinha visitado há um mês. Trazia outro pau na mão, para o caso de a raposa voltar. Mas esta não tinha intenção de o fazer. Com o focinho ferido, desaparecera todo o apetite por cisne fresco.



— Olá — disse Sam, em voz baixa.

— Tu-tuu! Tu-tuu! — respondeu o Pai Cisne.

— Tu-tuu! — respondeu a Mãe Cisne.

A lagoa ressoava com os sons do trompete — os sons da derrota da raposa, os sons da vitória e da alegria.

Sam estava fascinado com aquela forma de cantar, que algumas pessoas dizem ser parecida com o som musical

de um trompete. Caminhou devagar pela margem até à breve extensão de terra perto da ilhota e sentou-se no seu tronco. Agora os cisnes compreendiam que o rapaz era amigo deles, sem qualquer sombra de dúvida. Ele tinha salvado a vida da Mãe Cisne. Estivera no sítio certo, à hora certa, com as munições certas. O casal sentia-se grato. O Pai Cisne nadou para junto de Sam, saiu da lagoa e aproximou-se, olhando para o rapaz de forma amistosa e arqueando o pescoço graciosamente. Com precaução, chegou mesmo a esticar-se um pouco mais, quase tocando Sam, que não movia um dedo. O coração batia-lhe de contentamento e entusiasmo.

A Mãe Cisne fez o caminho de volta para o ninho e voltou à sua tarefa de chocar os ovos. Estava feliz por se encontrar viva.

Nessa noite, antes de subir para o beliche, Sam pegou no seu diário e num lápis, e escreveu o seguinte:

Não conheço nada mais maravilhoso no mundo do que ver um ninho com ovos lá dentro. Por conter vida, um ovo é a coisa mais perfeita que existe. É belo e misterioso. Muito mais especial do que uma bola de ténis ou uma barra de sabão. Uma bola de ténis será sempre uma bola de ténis. Uma barra de sabão será sempre uma barra de sabão, até ficar tão pequena que ninguém a vai querer e acabará por ser deitada fora. Mas haverá um dia em que um ovo vai tornar-se um ser vivo. O ovo de um cisne fêmea vai eclodir e dali sairá um pequeno cisne. Um ninho é quase tão maravilhoso e misterioso como

*um ovo. Como é que uma ave sabe construir um ninho?
Ninguém lho ensinou. Como é que uma ave sabe cons-
truir um ninho?*

Sam fechou o bloco de notas, disse «boa noite» ao pai, apagou a lanterna e trepou para o beliche. Ficou a divagar sobre aquela questão, até que os seus olhos se fecharam e ele adormeceu.

IV Os cisnes-bebés



Durante a noite, a Mãe Cisne julgou ouvir um ruído vindo dos ovos. E, uma hora antes de o sol nascer, teve a certeza de sentir um ligeiro movimento debaixo do peito, como um corpo minúsculo a agitar-se. Talvez os ovos tivessem acabado de chocar, por fim. Visto que os

ovos não se mexem sozinhos, ela acreditou que devia estar ali outra coisa. Sentou-se muito direita, à espera, de ouvido à escuta. O Pai Cisne nadava nas proximidades, mantendo-se vigilante.

Um pequeno cisne fechado num ovo tem algum trabalho a sair cá para fora. Nunca conseguiria fazê-lo se a natureza não o tivesse dotado de duas coisas importantes: músculos poderosos no pescoço e um dente mínimo — mas muito afiado — na ponta do bico, que ele usa para abrir um buraco na casca rija do ovo. A partir daí, é fácil. O cisne já consegue respirar e só tem de continuar a mexer-se até se libertar totalmente.

O Pai Cisne estava prestes a tornar-se pai. A ideia da paternidade fazia-o sentir-se sonhador e orgulhoso. Começou a discursar para a companheira:

— E assim deslizo como um cisne, ao mesmo tempo que o mundo se rodeia de beleza e maravilha. Agora, pouco a pouco, a luz do dia surge no céu. Pairando sobre a lagoa, o nevoeiro levanta-se lentamente, como o vapor de uma chaleira. Enquanto deslizo como um cisne, há ovos que eclodem e jovens rebentos que conquistam a sua existência. Eu deslizo e deslizo. A luz expande-se. O ar aquece. Aos poucos, desaparece o nevoeiro. Deslizo como um cisne. Os pássaros cantam as suas canções matinais. As rãs que coaxaram durante a noite remetem-se ao silêncio. E enquanto isso deslizo como um cisne, eternamente.

— Claro que deslizas como um cisne — disse a companheira. — Como é que havias de deslizar? Como um alce?

— Bem... não propriamente. Isso é verdade. Obrigado por me corrigires, querida.

O Pai Cisne foi apanhado de surpresa por aquele comentário tão prático. Gostava de se exprimir com frases elaboradas e numa linguagem elegante, e gostava de se imaginar a deslizar como um cisne. Mas achou que talvez fosse melhor deslizar mais e falar menos.

Toda a manhã, a Mãe Cisne ouviu o som dos ovos a serem bicados. E, uma vez por outra, sentiu qualquer coisa a mexer-se no ninho, debaixo dela. Era uma sensação esquisita. Os ovos tinham permanecido quietos durante tantos e tantos dias (35, ao todo) e agora, por fim, estremeciam de vida. Ela sabia que havia apenas uma coisa a fazer: ficar quieta.

À tarde, foi recompensada pela sua paciência. Olhou para baixo e viu, abrindo caminho através das penas, uma pequena cabeça — o primeiro cisne-bebé. Era mole e macio. Ao contrário dos pais, era cinzento, com patas e pernas cor de mostarda. Os olhos brilhavam-lhe. Levantou-se, trémulo, e alçou-se para junto da mãe, olhando o mundo pela primeira vez. A voz dela era suave e agradável de ouvir. E também era agradável respirar o ar, depois de tanto tempo fechado no ovo.

O Pai Cisne, que durante todo o dia estivera a observar com muita atenção, viu a cabecita a aparecer. O coração saltou-lhe de alegria.

— Um cisne! — gritou. — Um cisne-bebé, finalmente! Sou pai, com todos os deveres prazenteiros e todas as tremendas responsabilidades que a paternidade acarreta.

Ó abençoado filho meu, que bom é ver o teu rosto a espreitar através das penas e do peito protetor da tua mãe, debaixo deste belo céu e com a lagoa em paz e sossego, sob a luz dilatada da tarde!



— O que te faz pensar que é um rapaz? — perguntou ela. — Para tua informação, trata-se de uma menina. Mas é um cisne-bebé, de qualquer forma, e bem vivo e saudável. Também consigo sentir os outros debaixo de mim. Talvez tenhamos uma boa descendência. Podemos chegar até aos cinco. Amanhã já o saberemos.

— Tenho a absoluta confiança em que chegaremos aos cinco — disse o Pai Cisne.

Na manhã seguinte, muito cedo, Sam Beaver desceu do beliche enquanto o pai ainda dormia. Vestiu-se e acendeu

o fogão. Fritou algumas tiras de bacon, torrou duas fatias de pão, encheu um copo de leite, sentou-se e tomou o pequeno-almoço. Quando terminou, arranjou papel e lápis e escreveu um bilhete: «Fui dar um passeio. Volto à hora de almoço.»

Deixou-o num sítio onde o pai o encontraria facilmente. Depois pegou no binóculo e na bússola, apertou a faca de mato ao cinto e entrou nos bosques e no pântano, em direção à lagoa onde viviam os cisnes.

Ao chegar, aproximou-se cautelosamente, com o binóculo pendurado ao ombro. Passava pouco das 7 horas da manhã; o sol estava baço e o ar, fresco. A manhã tinha um cheiro delicioso. Quando chegou ao tronco, Sam sentou-se e ajustou o binóculo, graças ao qual a Mãe Cisne parecia estar apenas a alguns metros de distância. Continuava sentada no ninho, sem se mexer. O Pai Cisne andava por perto, e ambos se mostravam expectantes e atentos. Viram-no, mas não se importaram que Sam estivesse ali; na verdade, até gostaram. Só o binóculo lhes provocou uma certa surpresa.

— O rapaz tem uns olhos enormes, hoje — sussurrou o Pai Cisne.

— Julgo que os olhos são um binóculo — contrapôs a Mãe Cisne. — Não tenho a certeza, mas acho que, quando uma pessoa vê através dele, tudo parece maior e mais perto.

— Será que também vai fazer-me parecer ainda maior do que já sou? — perguntou o Pai Cisne, cheio de esperança.

— Acho que sim.

— Hum... Gosto disso. Gosto mesmo muito disso. Talvez me faça parecer não só maior como ainda mais elegante, não achas?

— É possível, mas não é provável. E é melhor não ficares demasiado elegante, pode subir-te à cabeça. És um bocado vaidoso.

— Todos os cisnes são vaidosos. E é bom que se sintam orgulhosos e elegantes: foi para isso que nasceram.

Sam não conseguia perceber de que falavam os cisnes; sabia apenas que estavam a ter uma conversa, e o simples facto de ouvi-los fazia com que o sangue lhe corresse mais depressa nas veias. Bastava-lhe estar em plena natureza, usufruindo da companhia daquelas grandes aves, para se sentir totalmente feliz.

A meio da manhã, quando o sol ascendeu no céu, Sam pegou outra vez no binóculo e fixou-o no ninho. Por fim, vislumbrou aquilo que procurava: uma cabeça minúscula a aparecer por entre as penas da mãe, uma cria de cisne-trombeteiro que se esforçava por alcançar a beira do ninho. Conseguia distinguir a cabeça e o pescoço cinzentos, o corpo coberto por uma penugem macia, as pernas e patas amarelas, palmadas, com membranas apropriadas para nadar. Dali a nada, apareceu um segundo cisne, e a seguir um terceiro. Depois, o primeiro cisne voltou outra vez para as penas da mãe, à procura de calor, enquanto outro tentava trepar-lhe para o pescoço. Mas as patas estavam escorregadias, e ele deslizou e ficou calmamente sentado ao lado dela. A Mãe Cisne permanecia imóvel, encantada com os seus bebés, vendo-os a aprender a dar os primeiros passos.

Passou uma hora. Um dos cisnes-bebés, mais atrevido do que os outros, deixou o ninho e cambaleou na margem ao redor da ilha. Naquele momento, a mãe levantou-se e decidiu que estava na hora de conduzir os filhotes até à água.

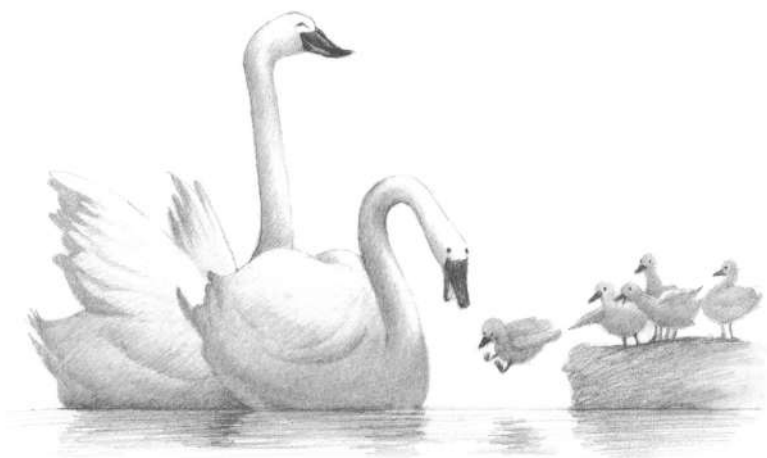
— Vamos lá! E mantenham-se juntos! — incitou ela. — Observem com muita atenção o que vou fazer e depois façam o mesmo. Nadar não custa nada.

— Um, dois, três, quatro, cinco — contou Sam. — Um, dois, três, quatro, cinco. São cinco cisnes-bebés, tão certo como eu estar aqui!

O Pai Cisne, mal viu os filhos aproximarem-se da água, sentiu que devia agir como um pai. Começou por fazer um discurso:

— Bem-vindos à lagoa e ao pântano adjacente! Bem-vindos ao mundo que abarca esta lagoa solitária e este esplêndido brejo selvagem e intocado! Bem-vindos à luz e à sombra, ao vento e ao tempo, bem-vindos à água! Como vão rapidamente descobrir, a água é o elemento particular do cisne. Nadar não será um problema para vós. Bem-vindos aos perigos contra os quais se devem acautelar: a infame raposa, com o seu andar sorrateiro e os seus dentes aguçados; a lontra agressiva que nada por baixo de vós e tenta agarrar-vos pelas pernas; a malcheirosa doninha que caça de noite e se mistura com as sombras; o coioote caçador que uiva e é maior do que a raposa. Cautela com as balas de chumbo que jazem no fundo de todas as lagoas, deixadas pelas armas dos caçadores. Não as comam: vão envenenar-vos! Sejam atentos, sejam fortes, sejam corajosos, sejam elegantes, e mantenham-se

sempre atrás de mim! Eu irei primeiro, vocês seguir-me-ão numa linha única e a vossa dedicada mãe fechará a fila. Entrem na água tranquilamente e com confiança!



A Mãe Cisne, agradecida por o discurso ter chegado ao fim, avançou para a água e chamou os filhotes. Os cisnes-bebés olharam para a água de relance e depois avançaram também em passo trémulo. Deram um salto e flutuaram à superfície. Era agradável. Era simples. Nadar não apresentava dificuldades. A água era boa para beber e cada um bebeu uma golfada. O pai, feliz, arqueou o seu longo e gracioso pescoço à volta deles, protegendo-os. Então seguiu vagarosamente, com os pequenos cisnes atrás e a mãe a fechar a fila.

Que imagem!, disse Sam para com os seus botões. *Que imagem magnífica! Sete cisnes-trombeteiros perfeitamente*

alinhados, cinco deles acabados de sair da casca. É o meu dia de sorte. Nem percebeu que já tinha o corpo dormente, depois de estar tanto tempo sentado no tronco.

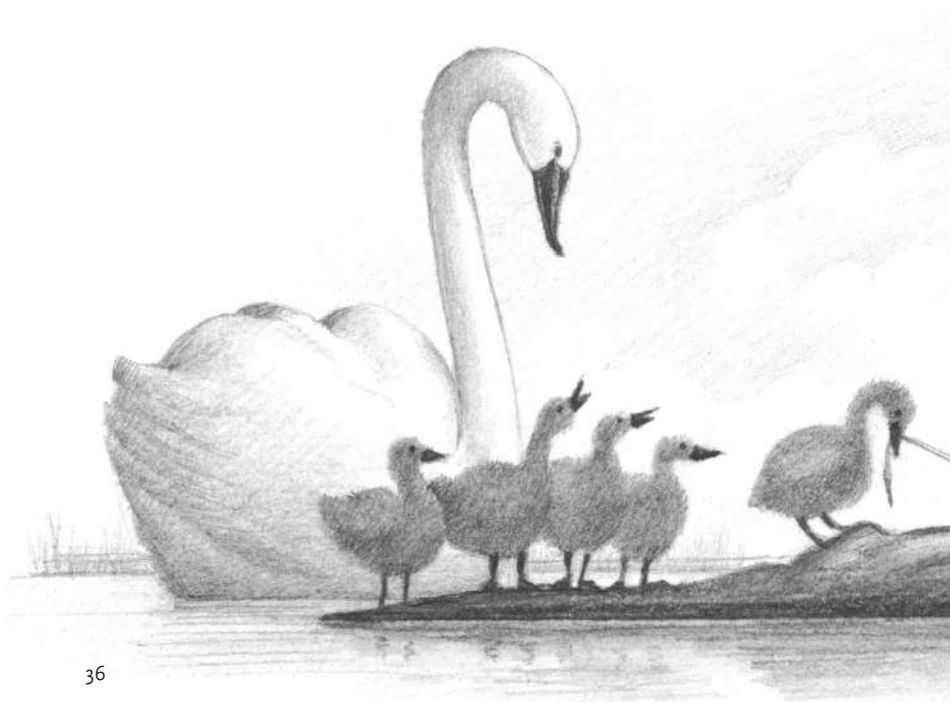
Como todos os pais, também o Pai Cisne queria exibir a sua prole, de modo que conduziu os bebés para junto de Sam. Saíram todos da água e puseram-se à frente do rapaz. Todos, exceto a Mãe Cisne, que se manteve no seu lugar.

— Tu-tuu! — disse o Pai Cisne.

— Olá! — respondeu Sam, que não esperava nada daquilo e mal se atrevia a respirar.

O primeiro cisne-bebé olhou para ele e disse: «Piii!»

O segundo cisne também olhou e disse: «Piii!»



O terceiro saudou-o da mesma maneira, bem como o quarto. O quinto cisne era diferente. Abriu o bico, mas não disse nada. Fez um esforço para dizer «piii», mas não se ouviu som algum. Em vez disso, levantou o pescoço pequenino, agarrou num dos atacadores de Sam e deu-lhe um puxão, desatando-o. Era uma espécie de «olá». Sam sorriu-lhe.



Agora o Pai Cisne parecia preocupado. Estendeu o seu longo pescoço branco entre o rapaz e os cisnes e trouxe-os de volta para a água e para junto da mãe.

— Sigam-me! — ordenou, conduzindo-os com toda a graciosidade, inchado de orgulho.

Quando a mãe achou que os filhotes já tinham nadado o suficiente e poderiam ter frio, saltou para a areia, acocorou-se e chamou-os. Eles foram logo atrás dela e aninharam-se debaixo das penas para receber o calor. Dali a nada, todos os cisnes-bebés estavam escondidos.

Ao meio-dia, Sam levantou-se e regressou ao acampamento, com a cabeça repleta de tudo o que havia visto. No dia seguinte, ele e o pai escutaram o motor do avião de Shorty e viram-no aproximar-se. Pegaram nos seus sacos de lona. «Adeus, acampamento! Até ao outono!», disse o Sr. Beaver, fechando a tenda e dando-lhe uma palmadinha afetuosa. Subiram juntos para o avião e logo se encontravam no ar, a caminho de casa e do estado de Montana. O Sr. Beaver não sabia que o filho tinha visto um cisne-trombeteiro a trazer as suas crias ao mundo. Sam não lhe contou nada.

Ainda que viva cem anos, nunca me hei de esquecer da sensação de ter o meu atacador desapertado por um cisne-bebé, pensou.

Demoraram a chegar ao rancho, mas, apesar de já ser tarde, Sam pegou no seu diário antes de se deitar e escreveu:

Há cinco cisnes-bebés. Têm um tom acastanhado e cinzento-sujo, mas são muito engraçados. As pernas são

amarelas, cor de mostarda. O pai trouxe-os até junto de mim. Não estava nada à espera, mas fiquei muito quieto. Quatro deles disseram «piii». O quinto tentou, mas não conseguiu. Pegou no meu atacador como se fosse uma minhoca e desapertou-o. Gostava de saber uma coisa: o que vou ser quando for crescido?

Apagou a luz, puxou os cobertores para cima e adormeceu, enquanto se perguntava a si mesmo o que iria ser quando crescesse.



**DE UM DOS AUTORES MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DA LITERATURA
INFANTIL, LIDO POR MILHÕES EM TODO O MUNDO, A INESQUECÍVEL
HISTÓRIA DE UM CISNE QUE FALA ATRAVÉS DA MÚSICA.**

Quando Sam encontra os cisnes pela primeira vez, todos o cumprimentam grasnando exceto o pequeno Louis, que lhe puxa pelo atacador do sapato com o bico. Louis é mudo. O pai de Louis, decidido a que o filho não fique atrás de nenhum outro cisne, rouba um trompete para lhe oferecer. Porque Louis apenas consegue comunicar através da música. E ao encontrar uma linguagem para se expressar, prova que vale a pena procurar uma solução para os problemas, por maiores que eles sejam.

O Cisne e o Seu Trompete é uma belíssima obra sobre a celebração da diferença, o poder da criatividade e a força da natureza.



**«Um livro de superior qualidade.
O mais sereno do autor.»**

JOHN UPDIKE

**LÊ TAMBÉM
OS OUTROS LIVROS
DO AUTOR:**



 livros que saltam à vista 20/20 editora	ISBN 978-989-707-455-4 8+  9 789897 074554 Leitura Infantil
---	--